



MUNA
SHEHADI

Mentiras Privadas

TOP
SEL
LER

Três irmãs unidas pela descoberta de um passado
inimaginável que irá mudar as suas vidas para sempre.

*Em memória dos meus maravilhosos pais,
Fadlou e Alison Shehadi,
que teriam ficado tão orgulhosos de mim.*

Capítulo 1

20 de janeiro de 1967 (sexta-feira)

Hoje recebi a melhor notícia do mundo e a pior de todas. A boa notícia foi ter conseguido o papel de Sarah Brown no musical de primavera, Eles e Elas! O papel principal, e sou apenas uma aluna do décimo ano! A Deedee Cutler mostrou-se toda arrogante e disse que se devia ao facto de eu ser a menina bonita do professor McGregor. Eu disse-lhe que a inveja era uma coisa muito feia e que lhe assentava muito mal. Isso deixou-a furiosa, mas não quero saber, é verdade.

Eu teria ficado tão feliz hoje, nas nuvens durante todo o dia, mas depois a má notícia também chegou e estragou a minha celebração. Apareceu o período à Nan. Ela era a única que restava de todo o nosso grupo, além de mim. Quando me contou, eu menti e disse que também me tinha aparecido há muito tempo, mas que não queria ferir os seus sentimentos. Não suporto ser a última. A última em toda a escola. Provavelmente, a última do estado inteiro. Estou a chorar ao escrever isto. A minha mãe age como se não fosse nada de mais, mas age deste modo com tudo. A Christina faz-me sentir bizarra e assustada ao dizer-me que tenho de ir ao médico, que aos 16 anos é demasiado tarde. Talvez também tenha de começar a mentir-lhe para a calar.

Mas partilhamos a casa de banho, teria de fazer uma representação dos diabos para fingir.

Estou a chorar ainda mais, agora. Espero ler isto um dia e rir-me da minha preocupação, de quando era jovem e suficientemente tola para pensar que havia algo de errado comigo.

Creio que há mesmo algo de errado comigo.

Rosalind arrancou a fita-cola da caixa de cartão seguinte, de um grupo do que pareciam ser cem caixas trazidas do sótão do pai e da madrasta. Tinha a esperança de que fosse algo especial desta vez, uma das fabulosas peças de roupa da mãe, de uma estreia de Hollywood ou de uma cerimónia de entrega de prémios, novas fotografias de família, cartas ou diários — joias esquecidas? Qualquer coisa que não incluísse vasculhar mais papéis: documentos académicos, documentos financeiros, documentos legais.

Rosalind e as irmãs, Olivia e Eve, analisavam cada artigo, cada pasta, cada envelope, de cada uma das caixas que tinham sido enviadas da casa na Califórnia, onde tinham crescido, para o Maine. Nos anos anteriores à sua morte, os piores anos, a mãe havia adquirido o hábito de esconder coisas que valorizava muito, convencida de que alguém lhas estava a tentar roubar. Uma escova de cabelo em prata numa pilha de panelas. Um colar de diamantes no fundo de uma caixa de lenços. Uma fotografia autografada de um colega de elenco famoso nas páginas de um livro de viagem. Quando o pai se reformou do ensino e se mudou para o outro lado do país, para aquela modesta casa no Cabo, na costa do Maine — a antiga casa de férias da família —, quase todo o conteúdo da enorme vivenda de estilo mediterrânico em Beverly Hills, que seria para vender ou para deitar fora, tivera de ser desmanchado. Agora, com o pai e Lauren abruptamente realojados na residência sénior de Blue Hill após o AVC do pai, as três irmãs tinham novamente deitado mãos à obra, analisando cada milímetro de todas as caixas que não tinham sido vistas nos dez anos anteriores.

Levantando as abas da caixa de cartão e espreitando com cuidado, Rosalind fez uma careta. Pastas, todas cuidadosamente etiquetadas

com a bela caligrafia do pai. Os seus dedos emitiram um leve estalido ao percorrerem os marcadores, e sentiu uma tristeza familiar quando se apercebeu do que continham. Os contratos comerciais e cinematográficos de Jillian Croft, dezenas deles, arquivados cronologicamente desde 1970, quando fora contratada pela primeira vez para um filme de Steve McQueen, como a empregada que anotou o seu pedido, até 2001, o ano em que morreu, com um pequeno papel num filme de série B e um anúncio da *L'Oréal*.

Resignada, Rosalind analisou cada pasta, folheando cada folha, agitando as páginas agrafadas, na esperança de que alguma coisa esquecida e fabulosa caísse e a animasse.

Nada.

— O que fazemos com os contratos da mãe? — Esperou pelas respostas das irmãs, apostando que seriam completamente opostas.

— Deita fora.

— Guarda-os.

Após uma semana passada com Olivia e Eve, estava a apanhar-lhe o jeito.

— Se vocês não os querem, guardem-nos para mim — disse Olivia. — Eu gostava de os ler, de ver como os contratos do mundo do espetáculo mudaram.

— Está bem. — Rosalind levantou-se e arrastou a caixa até Olivia, evitando o olhar de Eve, sabendo que a irmã mais nova estava deseiosa de realçar que os contratos para o programa de culinária de Olivia na televisão por cabo provavelmente não teriam muito em comum com os da mãe, que participara em êxitos de bilheteira internacionais.

Pegou na caixa seguinte da pilha ainda impressionante. Corta, rasga, abre. Uma pequena apalpadela pelo conteúdo embrulhado em lenços de papel. Ah! Sorriu ao ver surgir um ombro de plástico do seu casulo branco. Assim estava melhor. As suas bonecas *Heart Family*, companheiras de brincadeira estimadas durante tanto tempo.

Desembrulhou-as avidamente. Primeiro a mãe, no seu vestido cor-de-rosa retesado, cabelo louro armado, frisado devido aos

anos de stress, pele ainda perfeita, não fora uma linha vermelha no gêmeo direito. Cirurgia? Ou um encontro com uma caneta? A seguir, o pai, elegante, com uma camisa azul de executivo, gravata vermelha e uns espetaculares suspensórios brancos. Fresco e imperturbável, sem uma única marca. Os homens tinham a vida muito mais facilitada.

— Olhem. — Exibiu o casal feliz. Enquanto Eve e Olivia tinham preferido surfar e velejar com o Ken, a Barbie e os seus animados amigos, Rosalind tinha-se agarrado à tradição inflexível dos Hearts. O pai ia trabalhar todos os dias de manhã no seu *Volkswagen* descapotável quadrado. A mãe ficava em casa, a cuidar dos adoráveis gémeos bebés, um rapaz e uma rapariga. — A dona de casa sensual e o seu marido atraente, ainda casados ao fim de todos estes anos.

Eve ergueu os olhos, com o rabo de cavalo louro a cair sobre o seu ombro quase exposto pela t-shirt rasgada.

— Oh, meu Deus. Eu lembro-me dessas coisas. *Tão* foleiras. Estavas constantemente a brincar com elas.

— Obsessivamente, melhor dizendo. — Olivia bocejou, esticando os braços impressionantemente tonificados por cima da cabeça. — Sempre pensei que, por esta altura, estivesses casada e tivesses dez filhos.

— Sim, e essa, hã? — perguntou Eve.

— Estás a brincar comigo? Que tipo se podia aproximar *disto*? — Rosalind agitou o pai Heart de modo enfático. — Suspensórios brancos! Quando é que foi a última vez que viste uma coisa destas? Ele estragou-me para os outros homens.

— O Don era perfeito para ti. — Olivia abanou a cabeça com pesar. — Podias ter-lhe comprado um par de suspensórios.

— Ele precisava era de um par de outra coisa que eu cá sei.

Eve soltou uma gargalhada. Olivia abriu a boca para falar, perdendo em seguida o que quer que fosse dizer para uma risada.

— Vocês são terríveis.

— Obrigada — resmungou Rosalind, na esperança de que o assunto fosse esquecido. As suas irmãs tinham boas intenções,

mas as suas «boas intenções», normalmente, implicavam serem umas chatas do diabo. Regressou ao trabalho e descobriu os gémeos Heart, ainda a descansar confortavelmente no seu carrinho para dois, branco e azul com rodas cor-de-rosa. Também eles tinham envelhecido muito bem, o que significava que não tinham envelhecido de todo.

— Olhem o que eu encontrei! — Olivia segurava num recorte. — Um artigo da revista *People*, de abril de 1981, intitulado «As nossas preces foram ouvidas». Ouçam isto. «Após sete anos de desilusões amorosas, a sempre glamorosa Jillian Croft e o seu delicioso marido, o professor de representação Daniel Braddock, deram, por fim, as boas-vindas à sua primeira filha, Olivia Claudette Braddock, no dia 30 de março.» — Apertou o papel contra o peito, brilhando de orgulho. — Nem posso acreditar que nunca vi isto.

— Nunca o tinhas visto? A mãe mostrou-me o meu. — Rosalind chegou a um impasse na sua caixa, incapaz de encontrar o resto da fabulosa propriedade dos Hearts.

— O meu está no meu livro do bebé. — Eve olhou para a irmã mais velha. — Não sabia que tinham demorado sete anos a conceber-te, Olivia. A Rosalind e eu chegámos relativamente depressa depois ti. Quatro e cinco anos. Creio que fizeste o equipamento arrancar.

Olivia fez beicinho com os lábios perfeitamente delineados.

— Por que razão nunca me terão mostrado isto?

— Quem sabe? Olha aqui. — Eve segurava um saco cheio de etiquetas com nomes enfiadas em bolsas de plástico. — «Olá, sou o Daniel Braddock» cerca de duas dezenas de vezes, provavelmente de todas as conferências em que participou. Porque guardaria ele todas estas coisas?

Rosalind pestanejou de modo inocente.

— Para o caso de se esquecer de quem foi?

Eve roncou.

— Como se o grande Daniel Braddock alguma vez *pudesse* esquecer-se de quem foi. Ou deixar que qualquer outra pessoa o esquecesse.

— Credo, Eve. — Olivia pôs as mãos na cintura, sobre as calças de ganga de marca que envergava. — O pai está no hospital em muito mau estado e tu achas que é uma boa altura para o insultares?

Rosalind suspirou. Se Eve fosse para a direita, Olivia escolheria virar à esquerda.

— A saúde dele não altera quem ele foi, Olivia.

— Quem ele é, não quem foi.

— Ei, meninas! — Rosalind balançava a Sra. Heart para cima e para baixo com entusiasmo. — Quem quer fazer gelatina com a mãe?!

Eve ignorou-a.

— Sabe-se lá *quem* ele será agora. Foi um AVC severo.

— O pessoal de Pine Ridge diz que é provável que ele volte ao normal ou, pelo menos, perto disso. Ele era saudável.

— Ele tem 79 anos, Olivia.

— Eu *sei* a idade dele.

A mãe Heart estava a ficar farta da discussão!

— Se vocês as duas pararem de discutir, deixo-vos fazer um *Shake-a-Pudding* para a sobremesa.

— Uau, *Shake-a-Pudding*. — Eve desistiu do confronto. — Há décadas que não ouvia esse nome. O que era mesmo?

— Pudim instantâneo publicitado de modo brilhante.

— De qualquer maneira, o pai viveu a Grande Depressão. Daí as etiquetas com identificação. — Olivia regressou à sua caixa, não tendo por hábito abandonar uma discussão sem ter a última palavra. — Ele não pertenceu à geração descartável.

— Bem, eu pertenço. — Eve sorriu com frieza, despejando as etiquetas de identificação no mais recente saco de lixo gigante. A sala encontrava-se cheia deles.

— Vamos fazer uma pausa. — Rosalind pousou a boneca. — Preciso do ar do Maine.

— Se continuarmos a fazer pausas, nunca iremos acabar isto.

— Então, uma vez que esta é a única semana em que estarás aqui, Olivia, ao contrário da Rosalind e de mim, porque não ficas e continuas o trabalho? — sugeriu Eve docemente.

Olivia fulminou-a com o olhar, um dos seus grandes talentos.

— Eu tenho um espaço de culinária reservado nas notícias da manhã de terça-feira. Além disso, esta semana estou em período fértil, portanto tenho de ir dar uma com o Derek. Se tiver tempo para voltar e ajudar-vos, é o que farei. Mas é muito mais difícil para mim vir de Los Angeles do que para vocês as duas, que moram na costa leste.

— Vamos para o alpendre. — Rosalind levantou-se. — O tempo tem estado enevoado durante o fim de semana, estamos preocupadas com o pai e estas tarefas são aborrecidas. Uma pausa rápida vai fazer-nos bem.

Silêncio.

Franziu o sobrolho numa expressão autoritária.

— Não me obriguem a ir buscar outra vez a mãe Heart.

— Está bem, está bem. — Eve esticou a mão para o interior da sua caixa. — Mais uma pasta e já vou. É a última desta caixa.

— Eu vou agora. — Olivia descalçou as luvas de algodão que usava para proteger a manicura e escondeu uma madeixa de cabelo sob um lenço de seda enrolado à volta da cabeça. Olivia podia atirar trapos ao ar, manter-se por baixo deles quando aterrassem, e, mesmo assim, teria uma aparência sofisticada e voluptuosa. Eve vestia-se como se não se preocupasse com a sua aparência, mas a sua altura e traços perfeitos, ainda assim, faziam dela uma brasa.

Rosalind era *gira*, sempre fora *gira* e, provavelmente, seria sempre *gira* até à sua morte. Por vezes, pensava que tinha sido largada naquela família extremamente bonita por uma cegonha embriagada.

Dando largas passadas e saltando sobre pilhas, caixas e sacos, saiu à frente de Olivia para o alpendre projetado da casa, o qual em dias de tempo limpo oferecia uma vista belíssima da Mount Desert Island — pronuncia-se *dessert* em vez de *desert*¹ — e para o seu elemento mais famoso, o Mount Cadillac. Não é uma montanha

¹ *Dessert* (sobremesa) e *desert* (deserto) têm grafias semelhantes, daí a explicação da autora. [N. T.]

muito grande comparada com, digamos, a Matterhorn, mas é uma fonte de orgulho local, com uma vista espantosa da costa irregular e enrugada do seu topo.

Contudo, naquela tarde, o nevoeiro continuava a agarrar-se teimosamente à costa, marcando a sua presença há três dias seguidos, não soprava qualquer leve sugestão de brisa que o pudesse levar para longe, nem tão-pouco as nuvens se desvaneciam ligeiramente para permitir que o sol as atravessasse e o dissipasse. Até Rosalind sentia dificuldade em encontrar alguma coisa positiva no tom monocromático.

Pelo menos o cheiro lá fora ainda era viciante, salgado do mar, fresco dos pinheiros que cresciam densamente à volta da casa — um cheiro a final de agosto e à estação do envelhecimento. Sempre que possível, a família Braddock passara o verão em Candlewood Point, uma viagem de 12 quilómetros, a partir da cidadezinha mais próxima de Stirling, por uma acidentada estrada de terra batida. Ali em cima, longe da zona sul do estado, cada vez mais movimentada, havia ainda espaço e rusticidade, locais que lhe permitiam sentar-se na costa e imaginar-se em séculos passados.

As raparigas deixaram de visitar com tanta frequência a casa do Maine depois da morte da mãe. E ainda menos quando o pai se casou com Lauren, uma mulher vinte anos mais nova. Vidas agitadas, alegavam elas, era tão difícil escapar.

Teriam enganado alguém? Talvez a si mesmas. Era bom estar de volta.

Rosalind inspirou profundamente, recordando a mãe a fazer o mesmo, ali, deliciada com a frescura e a limpidez, tão diferente de Los Angeles. Jillian Croft adorara o seu estado natal, os cheiros, a topografia, a linha da costa e a liberdade. Ela e o marido tinham encontrado aquela propriedade no final da década de 1970, no auge da sua carreira cinematográfica — um local para se esconder do público adulator. As recordações maternas mais queridas de Rosalind tinham tido ali a sua origem. Cozer a lagosta e as mariscadas anuais, velejar e fazer canoagem, as caminhadas e as festas na praia, as charadas e as cantorias. Acima de tudo, recordações valiosas

de uma mãe que era relativamente calma e relativamente estável e que tinha tempo para as suas meninas. Uma mãe que cozinhava e lia livros e jogava jogos. Que pescava e apanhava amêijoas e se sentava à espera na lavandaria com roupas velhas, com um boné de baseball dos Red Sox e óculos escuros, embora na cidade todos soubessem quem ela era, e que se ria com o pai à noite quando as raparigas estavam na cama, em vez de discutir.

Ali, a mãe tomava sempre os medicamentos. Durante o resto do ano, era imprevisível. No auge da pré-adolescência crítica de Rosalind, sentindo-se tão encantada com a paz do verão como se sentia desconcertada e exausta durante o resto do ano, pelas flutuações de humor e de temperamento da mãe, perguntara-lhe porquê. Jillian abraçara a filha do meio, com o avental a cheirar ao frango com ervas que estava a assar para o jantar no peculiar forno da casa, e dissera:

— Porque aqui sou a Sylvia Moore, e a Sylvia Moore não é bipolar.

Como tanto do que a mãe dizia, aquilo não fizera sentido para a jovem Rosalind. Sylvia Moore e Jillian Croft eram a mesma pessoa, deviam ter a mesma doença. Agora, parecia compreender. A mãe tinha deixado o Maine aos 17 anos e mudado de nome não muito depois, quando começou a dedicar-se seriamente à carreira de atriz. A doença bipolar tinha surgido aos 20 e poucos anos.

Olivia desceu até ao alpendre, tirou o lenço e agitou o cabelo longo e invejavelmente ruivo, da mesma cor do da mãe.

— Que bela não-vista. — Fez uma careta na direção da baía invisível.

— Não estás a ler nas entrelinhas. Daquele lado, cinzento. — Rosalind apontou. — Daquele *lado*, entre o cinzento e o cinzento, há mais cinzento. Vês?

— Lembras-te do ano em que a mãe aqui esteve com o pai e disse que tinha estado nevoeiro durante três semanas seguidas? Até ela estava pronta para sair daqui quando o sol finalmente apareceu. — Olivia suspirou. — Meu Deus, tenho saudades dela.

— Estava agora mesmo a pensar no quanto ela era mais verdadeira aqui.

— Sim. — Olivia levou uma mão à tela da porta, contemplando melancolicamente o vazio. — Era maravilhoso, não era? Quando ela estava tão feliz e se sentia tão bem? E depois, perto do fim, foi tudo tão horrível.

— Pois. — Rosalind detestava pensar nessa altura. E detestava quando Olivia exibia uma tristeza dramática em relação a isso. — O que se passa com o Derek? As coisas estão bem?

— Sabe-se lá. — Olivia soprou ao de leve, assustando um mosquito que pousara na tela. — Ele está ocupado. Trabalha muito. Muitas viagens. Esta coisa do bebé é uma grande pressão, pelo menos para mim. Ele parece lidar com o assunto sem preocupações, mas eu vou fazer 40 anos daqui a dois anos. Estou pronta para fazer a fertilização *in vitro*, mas ele continua a adiar.

— Eu tive uma amiga que tentou a FIV. Teve sucesso logo na primeira tentativa. — Era mentira, mas as mentiras inocentes podiam ser importantes. Rosalind receava que Olivia estivesse a convencer-se de que nunca engravidaria, o que se podia tornar realidade.

— A mãe também teve dificuldades. Sete anos até eu ter nascido, dizia o artigo. Pensava que eles só tinham esperado para me terem numa altura em que a gravidez se ajustasse à carreira dela. Suponho que fosse de esperar que eu tivesse dificuldades, uma vez que, das três, sou a que mais se parece com ela.

Rosalind abraçou a irmã, embora se comesse a faltar de Olivia estar sempre a reclamar aquele título, ainda que fosse verdade. Olivia tinha herdado não só o cabelo e a silhueta exuberante da mãe, mas também a sua evidente sensualidade. Os homens sentiam-se igualmente atraídos por Eve, mas intimidados com a sua frieza, pelo que mantinham a distância. Por Olivia, babavam-se aos montes.

— E tu, Rozzy, tens saído com alguém? Ainda acho que cometestes um erro ao deixar o Don. Pelo menos ele era melhor do que o amante da natureza de Denver, e *muito* melhor do que o animal

com quem namoraste antes de deixares Los Angeles... Como é que ele se chamava?

— Wolf.

— Wolf! É isso.

— Não tenho saído com ninguém. — Juntou-se a Olivia a olhar para o cinzento, interrogando-se acerca do que detestava mais: o nevoeiro persistente, o facto de questionarem o seu discernimento, ou que lhe chamassem Rozzy. — Tenho uma vida boa. Gosto de Nova Iorque. Gosto de trabalhar no café, tenho a minha pintura e...

— Pintura? Paredes ou telas?

— Telas. Óleos.

— Óleos. — Olivia virou-se e olhou para ela com curiosidade. — Lembro-me de estares constantemente a desenhar, mas desde quando é que pintas?

— Comecei no Colorado. — Conseguia falar abertamente acerca de qualquer outro assunto da sua vida, mas no instante em que a sua arte se tornava o tema central, sentia-se como se estivesse despida. Não gloriosamente nua, mas por depilar e com uma retenção de líquidos terrível. Já se sentia arrependida de o ter referido. — Também continuo a desenhar coleções de roupa, faço exercício com regularidade, pertenço a clubes de leitura, tenho muitos amigos. Chega de falar de mim.

— Poupa-me. És a mais romântica das três. Irias murchar e definir se ficasses sozinha. Olha para aquelas bonecas de que gostavas tanto. — Fez um gesto para Rosalind, da cabeça aos pés. — Porque é que não vestes roupas normais e usas um penteado decente? Esse visual oxigenado é demasiado severo, especialmente tão curto, e a indumentária berrante e dissonante é... Bem, provavelmente estás a afugentar todos os tipos bons normais. Pareces uma maluca.

— Eu *sou* uma maluca. — Rosalind passou a mão pelo cabelo espetado, sorrindo. Tinha-se esforçado durante toda aquela semana para que as palavras das irmãs lhe passassem ao lado, dizendo a si mesma que tinham boas intenções e que só tinha de as ouvir e ser simpática.

Mas isso não a impedia de lhes querer bater.

— Não és maluca. Só estás a agir como tal. Passas disto para aquilo e para a coisa seguinte... Tens de assentar...

— Sempre fui assim. Um colibri, era o que o pai me chamava, lembra-te? — Ela adorava aquela alcunha, quase tanto como os próprios pássaros reluzentes e dardejantes, até ter ouvido uma conversa entre o pai e a mãe que tornou claro que não se tratava de um elogio.

O pai dá e, invariavelmente, o pai tira.

— Isso do colibri é uma desculpa. Nunca nada é tão entusiasmante como a primeira emoção. Nem os penteados, nem os empregos, nem as cidades, e, decerto, nem as relações. Tens de ficar com um homem tempo suficiente para encontrares alguma coisa mais profunda.

— É o que estás sempre a dizer. — Se Olivia considerava a relação com Derek profunda, Rosalind preferia o superficial.

— Meninas? — Eve saiu para o alpendre, segurando uma pasta aberta e exibindo um ar perturbado. — Encontrei uma coisa verdadeiramente estranha enfiada no meio dos impressos dos impostos. É um registo médico da mãe.

Olivia roncou.

— Por que razão é *isso* estranho? Ela passou toda a vida a ir ao médico.

— Porque não é um registo do Dr. Townsend, nem do psiquiatra, nem dos médicos de reabilitação. É de um ginecologista em Nova Iorque, e data de janeiro de 1969, o ano anterior ao seu casamento com o pai. Diz assim: «A paciente queixa-se de dificuldade em ter relações sexuais.»

— Credo. — Olivia tapou os ouvidos com as mãos. — *Não* quero saber.

Rosalind fez uma careta.

— Pobre mãe.

— Ela tinha 18 anos e era «amenorreica».

— Ameno quê?

— Eu sei essa. — Olivia levantou a mão como se fosse uma menina da escola. — Não tinha menstruação.

— Então, estava grávida? — perguntou Rosalind. — O que aconteceu ao bebé?

— Não. Ouçam. — Eve continuou a ler o papel, que tremia na sua mão. — «Exibe cicatrização pélvica compatível com remoção testicular. Parece não estar ao corrente da sua patologia.»

— Que patologia?

— Remoção *testicular*? Ele não viu que se tratava de uma *mulher*? — Olivia revirou os olhos. — Eu lembro-me das cicatrizes da mãe. Vi-as uma vez quando ela se estava a vestir, uma de cada lado, perto dos ossos da anca. Ela tinha retirado uns tumores benignos quando era jovem. Testículos! Que charlatão.

Rosalind sentiu a pele a arrepiar-se, como acontecia sempre que estava prestes a receber más notícias.

— Diz aí qual é a patologia?

— Está um diagnóstico escrito à máquina no fundo da página. Síndrome de insensibilidade completa aos androgénios.

— Hum? — Olivia atravessou o alpendre e espreitou para o papel por cima do ombro da irmã.

— Insensibilidade completa aos androgénios? O que significa isso?

Rosalind também se aproximou, cravando as unhas nos próprios braços.

— Ela não conseguia tolerar pessoas com problemas de género?

— Ah, não, não é isso. — Olivia abanou a cabeça friamente. — *Não havia* problemas de género na década de 1970.

Eve não se riu de nenhuma das piadas.

— Eu tentei procurar a síndrome, mas nunca consigo ter acesso ao *Google* aqui. Não devíamos ter cancelado a Internet do pai tão depressa.

— Tenho a certeza de que não é nada sério. — Rosalind não tinha, de todo, a certeza, mas dizê-lo fazia-a sentir-se melhor e, de qualquer maneira, a mãe tinha morrido vítima de *overdose* há 18 anos, por isso, o que quer que aquilo fosse, não a poderia matar retroativamente. — Podemos pesquisar da próxima vez que formos à cidade.

— Não vou esperar tanto tempo. — Olivia pegou no seu telemóvel, tocou-lhe com o dedo, depois encostou-o ao ouvido esquerdo, com a mão direita na anca. — Donna, olá.

Rosalind trocou um olhar com Eve, que emitiu um som de impaciência.

— Diz-me que não estás a pedir à tua assistente para...

— Muito bem. Ocupada. Olha, podes procurar uma coisa por mim? O telefone funciona, mas a Internet mais próxima fica a meia hora de distância. — Olivia afastou o olhar do revirar de olhos de Eve. — Obrigada. O que é «síndrome de insensibilidade completa aos androgénios»? Sim, eu espero.

— Meu Deus, Olivia. — Sem desviar o olhar do ficheiro, Eve empoleirou-se numa cadeira bastante desengonçada que o pai tinha feito a partir de madeira flutuante. Era feia mas funcional, e deixara-o muito orgulhoso. A mãe sentava-se nela enquanto ele andava por perto, levantando-se assim que ele saía da divisão. — Pode haver aqui mais alguma coisa que o explique. Não precisavas de a incomodar.

— Não há problema. — Olivia ajeitou o cabelo e voltou a encostar o telemóvel ao ouvido. — É o trabalho dela.

Rosalind duvidava seriamente disso. Ou que fosse obrigação de Donna procurar — em vão, como previsto — um estabelecimento que entregasse comida chinesa em Candlewood Point.

— Encontraste? Boa. O que é que diz? — Olivia ouviu atentamente. Ficou de boca aberta. Arquejou, abrindo ainda mais os olhos. — Mas isso é... absurdo.

Rosalind aproximou-se. Com todo aquele drama, a irmã estava genuinamente perturbada.

— O que foi?

— Tens a certeza? — Olivia levantou a mão para afastar Rosalind. — Tens a *certeza*? Não há outra definição? Nada em mais lado nenhum? Isto é «síndrome de insensibilidade completa aos androgénios»? Foi isso que disseste, não foi, Eve?

— Sim. — Eve levantou-se da cadeira, ainda com o ficheiro na mão. — O que está ela a dizer? Estás a deixar-me nervosa.

— Obrigada, Donna. — Olivia desligou a chamada e olhou para as irmãs com um ar trémulo. — O diagnóstico deve ter sido mal redigido. Ou trocaram-no com os registos de outra pessoa. Ou é falso. Se a nossa mãe tinha isto, não podia ter dado à luz nenhuma de nós. Ela não tinha útero. Não tinha ovários. Não tinha trompas de Falópio. Não tinha qualquer capacidade de reprodução feminina. Ponto final.

A condensação do nevoeiro pingava das árvores para o telhado do alpendre com um ritmo disperso.

Rosalind estremeceu.

— Mas que raio?

— Isso é impossível — disse Eve.

— Claro que é impossível — vociferou Olivia. — Estamos aqui todas, nós as três.

— Posso ver isso? — Rosalind tirou o documento da pasta de Eve e analisou-o com cuidado. Parecia absolutamente fidedigno, com o nome do médico e o endereço impressos no topo, «Dr. James R. Winston», e o nome de solteira da mãe escrito em Courier com os espaços adequados, «Sylvia Moore». — Tenho a certeza de que há um erro. Amanhã de manhã, que já é segunda-feira, devíamos telefonar para o consultório em Nova Iorque e falar com este médico ou com a sua assistente, ou coisa que o valha.

— Isto aconteceu há 50 anos. O homem já não deve exercer. Provavelmente já nem sequer está *vivo*. — Olivia começou a andar de um lado para o outro, ainda agarrada ao telefone. — E o consultório não deve ter registos assim tão antigos.

— Podíamos perguntar à Lauren. — Rosalind enfiou o papel de volta na pasta. Já não queria olhar para ele. — Ela deve saber.

— Não. — Olivia respondeu de modo contundente. — Está fora de questão. Não vamos falar com a Lauren acerca dos problemas de saúde da mãe.

Rosalind quase não conseguiu refrear uma resposta impaciente. O pai tinha-se casado com Lauren há 15 anos, três anos depois de a mãe morrer. Olivia ainda agia como se ele tivesse cometido um crime.

— Não podemos perguntar ao pai, pelo menos até ele recuperar o suficiente para construir frases completas. Ontem chamou-me «Roland».

— Nada de Lauren. — Olivia cruzou os braços. — Isto não lhe diz respeito.

— Compreendo que te sintas assim. — Rosalind suavizou a voz. — Mas se a Lauren souber alguma coisa, pode poupar-nos muito...

— Se não souber, estarás, sem qualquer dúvida, a dizer-lhe algo que eu tenho mil por cento de certeza de que a mãe *nunca* quereria que ela soubesse.

— Está bem, mas...

— Esquece, Rosalind. — Eve atirou a pasta para a mesa grande que juntara a família inúmeras vezes para banquetes de lagosta. — Não vale a pena.

— Quero compreender o que se passa.

— Todas queremos, mas não assim.

— Isto é ridículo. Não consigo acreditar que estamos a dar a isto qualquer crédito. — Olivia regressou ao interior da casa, deixando Eve e Rosalind a encolherem os ombros uma à outra. Momentos depois, Olivia voltou a sair, com um álbum de fotografias. — Eu estava a guardar isto para ver durante o jantar. Temos provas fotográficas aqui, um álbum cheio.

— Meu Deus, é verdade. — Rosalind fraquejou de alívio. — A bíblia da gravidez.

— Aleluia! — Eve levantou-se e juntou-se em redor do álbum com Rosalind.

— Grávida de mim. — Olivia espetou um dedo numa fotografia, virou mais algumas páginas e espetou novamente o dedo. — Prestes a dar à luz, em frente à casa de Beverly Hills. E está aqui a tia Christina, que foi a parteira das três. Aqui está a mãe grávida de ti, Rosalind. Aos seis meses, depois aos oito.

— Mas, então, qual é a razão do diagnóstico? — perguntou Eve. — Se é um engano, por que razão ela ou o pai haveriam de guardar este documento?

— Aqui está grávida de ti, Eve, numa viagem a Paris no final de 1989. Estamos aqui as três. — Olivia fechou o álbum com um estalo. — Eu disse-vos.

— Então, o que aconteceu? Curaram-na? — Eve tirou o álbum a Olivia. — Para que ela nos conseguisse ter?

Rosalind abanou a cabeça, sentindo-se de novo algo enjoada.

— Sem quaisquer órgãos reprodutores, foi o que disse a Donna. Não podiam propriamente fazer-lhe crescer uns novos.

— Será que podiam ter feito um transplante?

— Naquela altura, não. Atualmente, não sei.

Um pássaro sussurrou através dos ramos mais baixos de pinheiros jovens, tentou piar, depois ficou em silêncio. A quietude era misteriosa. Até as pequenas ondas pareciam ter-se silenciado contra a costa rochosa.

— Podia estar a preparar-se para algum papel. Ela aderiria seriamente a essas coisas. — O rosto de Eve iluminou-se de esperança. — Lembram-se daquela altura em que foi até ao Montana para aprender a montar e a cuidar de cavalos para o primeiro filme em que contracenou com o Burt Reynolds? E quando foi chamada para o papel em *Espírito Pioneiro*, em que teve de ficar instalada num chalé durante uma semana sem qualquer modernice. Detestou cada segundo, mas ainda assim não desistiu de o fazer.

Rosalind queria mesmo que a solução de Eve fizesse sentido, embora não fizesse.

— Não me lembro de nenhum papel que ela tenha desempenhado em que não pudesse ter filhos.

— Porque se daria ela ao trabalho de criar um historial médico sobre isso?

— Para o fazer parecer verdadeiramente real. — A voz de Eve cedeu. — Consigo imaginá-la a estudar o relatório, deixando-se sentir completamente miserável.

— Não acredito. — Olivia abanou a cabeça.

Eve suspirou.

— Talvez devêssemos falar com a Lauren. Se isto for verdade, o pai deve ter-lhe dito alguma coisa.

— Não se não houver nada para dizer — ripostou Olivia.
— Se contarmos à Lauren, estaremos a trair a nossa mãe. E se isto se vier a saber? O que faria isso à mãe?

Eve riu-se amargamente.

— A mãe não está propriamente num lugar onde se possa importar com isso.

— Credo, Eve. Isso é muito frio. Estou a falar da imprensa. Seria uma loucura. Até em cima do pai andaram, depois do AVC.

— A questão é... — Rosalind envolveu o seu corpo com os braços, olhando para uma irmã e para a outra, com o estômago agitado. — Nós somos completamente diferentes umas das outras. Uma loura, uma morena e uma ruiva, olhos e narizes diferentes, vocês são as duas altas, e eu...

— Para. Para imediatamente. — Olivia voltou a pegar no álbum de gravidez e empunhou-o. — Três gravidezes, três filhas. Chega.

— Percebo que estejas perturbada, Olivia. Estamos todas. Mas temos de considerar todas as possibilidades.

— Está bem. — Olivia lançou o álbum para a mesa e cruzou os braços. — Tendo em conta o que sabemos com certeza absoluta ser verdade, que ela esteve grávida e nos deu à luz, quais *são* as probabilidades?

— De... — Rosalind encolheu os ombros. — Não sei, de ter fingido as gravidezes?

— *O quê?* — Olivia ficou horrorizada. — Porque haveria ela de fingir as gravidezes?

Eve ergueu o sobrolho.

— Bem, *dah!*

— Para que ninguém soubesse que não podia ter filhos — disse Rosalind.

— Porque se importaria ela assim tanto?

— Porque a imagem era muito importante para ela. — O tom de voz de Eve era amargo. — Sabes disso. É essencial no vosso ramo.

— O suficiente para valer a pena *fingir* três gravidezes? Três partos? — Olivia abanou a cabeça. — Também não acredito nisso.

Eve manteve-se em silêncio, estudando o diagnóstico. Rosalind não queria admitir em voz alta o que era provável que a irmã estivesse a pensar: que sim, por muito que adorasse a mãe, para Jillian Croft o risco poderia muito bem ter valido a pena.

— Muito bem, então de onde viemos? — Olivia abanou o braço e deixou-o cair sobre a anca. — Tubos de ensaio? Cegonhas? Amazonbaby.com?

— Adoção. — Rosalind teve de sussurrar a palavra para que saísse, mas bem que a poderia ter gritado. Olivia e Eve ficaram paralisadas, num silêncio chocado. Uma foca latiu à distância. Um pássaro restolhou por entre as folhas no chão da floresta.

Eve fechou a pasta.

— Isso significaria que o pai não é o nosso pai biológico.

— Isto é uma treta! — Olivia apertou o álbum contra o peito. — O nome da mãe está em todas as nossas certidões de nascimento, bem como o do pai. São documentos legais. O que estás a sugerir, Roz, que ela, de algum modo, fingiu as gravidezes, fingiu os nossos partos, falsificou as nossas certidões... é uma farsa ridícula que envolve tantas pessoas durante um período de tempo tão longo, que seria pouco provável que resultasse *uma vez*, quanto mais três.

— Tens razão. — Eve abanou a cabeça. — Tens razão. É de loucos.

— E todas as histórias acerca dos nossos nascimentos? — Olivia estava agora lançada. — Cada uma de nós conhece todos os pormenores do trabalho de parto da mãe e do nosso nascimento.

— Sim... — Rosalind estava a pensar no extraordinário talento da sua mãe enquanto atriz e contadora de histórias. A pensar na extremamente desconfortável e vaga conversa que a mãe tinha tido com ela acerca da menstruação, o quão inapta parecia ao responder às perguntas de Rosalind. O facto de nunca deixar que as filhas a vissem completamente despida, apesar de ter posado em *topless* para a *Playboy*. — Afinal de contas, não vale a pena discutir, porque ainda não sabemos o suficiente.

— Isso é absolutamente verdade. Vamos voltar ao trabalho. — Olivia regressou ao interior da casa. Eve olhou para Rosalind e foi atrás dela.

Rosalind arrastava-se atrás delas, sentindo-se como se tivesse entrado noutra dimensão, na qual tudo à sua volta era ainda familiar, mas nada era o mesmo. A sua mãe estivera grávida três vezes, à vista do público, e tinha, supostamente, dado à luz cada uma delas, tendo a irmã como parteira. Uma irmã que poderia ter escrito qualquer nome que quisesse numa certidão de nascimento. Ou em três.

Mas ela não ia acrescentar a última gota ao copo que as pobres Olivia e Eve já tinham enchido. Agora não. Tinha de haver uma explicação lógica para aquele diagnóstico médico ser tão contrário ao que elas sabiam acerca da mãe.

Porque, de outro modo, aquele documento gasto, esquecido e mal arquivado poderia vir a alterar por completo as suas vidas.

Capítulo 2

26 de janeiro de 1967 (quinta-feira)

A mãe levou-me ao médico hoje, depois da escola. A Christina disse-lhe que tinha de o fazer, depois de me encontrar a chorar e de eu ter sido parva e lhe ter dito porquê. Porque tenho 16 anos, sou aluna do secundário e ainda não me apareceu o período. Provavelmente nunca mais falo com ela. A consulta foi horrível. De qualquer maneira, não gosto do Dr. Tibbet, ele cheira mal e temos de nos rir de piadas a que nem mesmo uma criança de 4 anos acharia graça. Não queria que ele sequer olhasse para mim despida, mas ele começou a apalpar e a mexer por todo o lado, até lá em baixo. E depois foi ainda pior, pôs-se a mexer dentro de mim com a sua coisa de metal e a resmungar com um ar confuso. A mãe não fez nada para me ajudar nem lhe disse para parar, apesar de eu continuar a olhar para ela e de me sentir tão obviamente arrasada.

Ele estava sempre a ajustar a luz e a fazê-lo novamente, e magoava muito, mas eu não disse nada. Eu queria agir como se fosse normal, para que ele pensasse que eu era normal e me deixasse em paz.

Agora tenho de ir a outro médico qualquer em Bangor. Foi tudo o que me disseram, e eu tinha demasiado medo para

perguntar. Perguntei à mãe depois e ela disse que estava tudo bem, só queria confirmar uma coisa. Não acredito nela. Eu sabia que havia alguma coisa de errado.

Não quero ir a este outro médico. Quero divertir-me na peça e gozar o facto de ser a estrela mais jovem de sempre na minha escola. Quero viver para sempre e ir para a Broadway e fazer cinema. A Christina quis saber o que se passava, mas eu disse-lhe para se calar. Queria ter o meu próprio quarto. Detesto não poder fechá-la a ela e a toda a gente do lado de fora.

Rosalind abriu os olhos e pestanejou para as paredes de pinho do quarto, sentindo-se vazia e entorpecida, consciente de que algo de significativo e desagradável acontecera, mas sem se lembrar de quê.

E depois recordou-se, com uma sobrecarga de adrenalina angustiante. A mãe.

Virou-se para o lado, enrolando-se com força sobre si mesma, esperando que o feitiço passasse. Ainda não havia provas de que a sua mãe tivesse insensibilidade aos androgénios. Não havia razão para ficar tão perturbada. E, no entanto, mesmo na noite anterior, o diagnóstico tinha permitido encaixar no devido lugar certas peças no subconsciente de Rosalind, que a faziam aceitá-lo como verdadeiro, mesmo sem provas. Confiava nesse subconsciente, se não de forma absoluta, pelo menos mais do que as irmãs.

Começava a entrar uma ligeira luz cinzenta por baixo dos estores. Era manhã, mas ou ainda era muito cedo, ou ainda havia muito nevoeiro, ou ambos. O barulho no piso de baixo e um olhar de relance para o relógio ao lado da cama deram-lhe uma das respostas: era muito cedo. Olivia estava a pé e preparava-se para apanhar o avião.

Era um alívio conseguir afastar-se da farsa de tentar dormir. O único aspeto positivo da sua noite de insónia fora a decisão de procurar provas do diagnóstico da sua mãe e, caso fosse necessário, ir mais além, para descobrir como é que ela e as suas irmãs se tinham tornado uma família.

Na noite anterior, depois da descoberta desagradável, ela, Olivia e Eve tinham decidido abandonar as caixas em prol da celebração tradicional da família no Maine. Não a maior, a preferida da mãe, a mariscada anual, mas uma maravilhosa tradição secundária, que utilizava o marisco por excelência da costa do Maine: lagosta cozida com fofos pãezinhos brancos, salada mista e pão de gengibre *Betty Crocker* sob camadas de natas batidas. As três podiam não voltar a estar juntas por uns tempos, dependendo de um eventual regresso de Olivia ao Maine. Sem dúvida que tinha essa intenção e que o desejava, mas, no caso de Olivia, isso era muito diferente de o fazer verdadeiramente.

O jantar fora delicioso, mas moderado, apesar do champanhe e dos mexilhões fumados locais antes da refeição principal e da garrafa de *Chablis* que a acompanhou. As irmãs não tinham conseguido esquecer o que acontecera para se poderem divertir nem processar a descoberta o suficiente para a abordarem. Rosalind calculou que seria necessário mais tempo e mais informação.

Afastou de cima de si os lençóis e agarrou numa camisola que atirara para uma cadeira na noite anterior, calçou uns chinelos puídos cor-de-rosa que guardava no Maine para as manhãs mais frescas e foi até à janela para abrir os estores, fazendo figas para que o nevoeiro tivesse levantado.

Suspirou de alívio. O sol ainda estava baixo a leste, os seus raios bloqueados pelas árvores atrás da casa, mas o céu começava a ficar rosado, a baía estava novamente ampla e a costa do outro lado começava a ficar nitidamente definida. As águas calmas, salpicadas de coloridas boias das armadilhas para lagostas, eram uma réplica espelhada perfeita das ilhas cobertas de pinheiros, as suas bases rochosas expostas pelo descer da maré. Em baixo, junto à costa, em frente à casa, também rochas cheias de crustáceos estavam expostas, cobertas por um aglomerado de algas que se revitalizariam num ondulante prado castanho-dourado quando as vagas regressassem.

O medo que Rosalind sentia por ter de confrontar Olivia e Eve perante a decisão que tomara diminuiu. O bom tempo parecia ser um bom presságio.

Lá em baixo, Olivia encontrava-se diante do lava-loiça, num estilo chique casual com uma t-shirt branca, sem mangas, corsários pretos justos e sandálias pretas de salto alto, já com o cabelo e a maquiagem perfeitos.

— Rosalind, o que estás a fazer acordada tão cedo?

— Não conseguia dormir.

— Nem me digas nada. Mas, bem vistas as coisas, nunca durmo bem antes destes voos ridiculamente madrugadores. Passo a noite a acordar e a perguntar-me se já serão horas de sair da cama, aterrorizada com a possibilidade de adormecer.

Rosalind ficou de boca aberta.

— Foi *por isso* que não dormiste bem?

— Queres café? Fiz muito café naquela coisa. — Apontou para a lustrosa máquina em aço inoxidável que substituíra a velha *Krups* que a mãe e o pai tinham utilizado durante décadas. — Detesto mesmo o que a Lauren fez a esta cozinha. Matou a sua alma.

— Estava em muito mau estado. — Rosalind foi até ao frigorífico e tirou o sumo de laranja, pois necessitava da sua doce acidez refrescante. — A mãe não era uma cozinheira a sério, e nada funcionava lá muito bem. Pode ter sido divertido para nós estar sempre a abrir e a fechar a porta do forno para manter a temperatura, mas...

— É verdade. — Olivia passou com a mão, de modo melancólico, sobre a superfície da bancada em granito. — Tenho tantas saudades do velho lava-loiça em ferro.

— Estava a enferrujar.

— Tens razão, tens razão, estava em mau estado. Mas isto... — Apontou à sua volta com desdém. — Esta poderia ser uma cozinha qualquer, num subúrbio qualquer, de uma cidade qualquer. Antes, era a cozinha *desta* casa, sabes?

— Sim. Eu sei. — Rosalind sentou-se na ilha. — É um bocado genérica. Mas, para nós, a casa era um escape mágico no verão. A estranheza fazia parte do seu encanto. A Lauren tinha mesmo de viver aqui.

— Pois, mas ela podia ter feito cerca de um milhão de escolhas melhores. Eletrodomésticos pretos em vez de aço inoxidável,

bancadas de madeira, armários em madeira natural com ferragens em ferro...

— O branco não me incomoda. Antigamente estava sempre tão escuro aqui. — Rosalind bebeu o sumo de uma só vez e serviu-se de meia caneca de café. Olivia gostava do café tão fraco que quase nem valia a pena bebê-lo. — Então, o que vais fazer quando regressares à Califórnia? Vais amarrar o Derek à cama e exigir assistência técnica?

— Praticamente. — Olivia voltou a encher a caneca. — Juro, esta coisa do bebé está a matar a nossa vida sexual. Dantes, gostávamos de ser espontâneos e um pouco selvagens. Agora está tudo agendado: a cada dois dias, durante o período de ovulação, ele tem de estar por cima e, durante o tempo todo, estou desejsosa de que ele se venha de uma vez, para que eu possa fazer figas para que os pequenos espermatozoides escolham o caminho certo e atinjam o seu objetivo. Ele percebe aquilo que estou a pensar, por isso sente que o seu orgasmo já nada tem que ver connosco. Eu já nem me importo se tenho um orgasmo ou não.

— Meu Deus, Olivia, acho que tenho pena do Derek. Pela primeira vez.

— Eu sei. Sou horrível. Mais sensual do que isso? Depois de tudo, passo uma hora com uma almofada debaixo do rabo e as pernas levantadas, como se fosse um inseto morto.

Rosalind desatou a rir.

— Estás a brincar.

— Uso a gravidade para ajudar os pequenotes. — Olivia abanou a cabeça tristemente. — É um inferno.

— Ainda valerá a pena? — Rosalind tentou não parecer demasiado desanimada, sabendo que a irmã detestava que tivessem pena dela. — Depois de todos estes anos?

— Claro que vale a pena. O médico diz que não há nada de errado comigo, e o médico do Derek diz o mesmo acerca dele. Algum dia terá de resultar.

— Ainda vale a pena para o Derek?

O rosto de Olivia ensombrou-se.

— Nem por isso. Ele ainda quer ter filhos, acho eu, só não está a facilitar as tentativas.

Rosalind franziu o sobrolho, bebendo um pouco do seu café. Tinha dito aquilo que pensava quando Olivia oficializara o noivado e prometera a si mesma que lhe ofereceria o seu apoio após o casamento. Tendo em conta que considerava Derek um autêntico idiota, fazê-lo era muitas vezes difícil.

— Não preferias estar casada com um tipo que quisesse tanto ter filhos como tu?

— Claro que sim. Mas o que hei de fazer? Estalar os dedos e *puf*, o homem perfeito aparece imediatamente? — Olivia riu-se amargamente. — Tenho quase 40 anos, não tenho tempo para isso. O Derek não é perfeito, mas eu também não sou a pessoa mais fácil de aturar.

— Mas és. A sério. — Rosalind sorriu perante o olhar negro que a irmã lhe dirigiu. — Já pensaram em adotar?

— Não vamos adotar. — Olivia levantou-se e despejou o resto do café no lava-loiça. — Quero ter os meus próprios filhos, não os de outra pessoa qualquer.

— Porque não? — Rosalind tentou manter uma voz descontraída. — Se aquilo que encontrámos ontem for verdade, parece que a mãe e o pai se saíram bem ao adotar-nos.

— Para com isso. — Olivia rodou sobre si mesma, com um olhar assassino. — Não quero falar acerca dessas tretas, Rosalind. Nunca mais. Percebeste?

— A sério? — Rosalind pousou a caneca e olhou fixamente para a irmã. Já estava à espera de uma reação adversa, mas não daquela negação absoluta. — Vais ignorar isto?

— É precisamente isso que vou fazer.

— Porquê? Olivia, isto pode ser muito importante.

— Isso não é nada importante. Na realidade, é uma pulga minúscula no meu extraordinário rabo. Sou filha da Jillian Croft e do Daniel Braddock. — Olivia bateu no peito, depois apontou para Rosalind e, em seguida, para o teto. — Tu e a Eve são minhas irmãs. Isso não irá mudar, independentemente de quaisquer outros pormenores, por isso, não necessito deles. Esquece.

— Não consigo. Preciso de saber.

— É um erro ir atrás disto, Rosalind.

— Porque dizes isso?

— O teu passado faz parte de ti; não te consegues ver livre de um passado de que não gostas tentando saltar para outro, como fazes com tudo o resto na tua vida. — Olivia contou pelos dedos. — Onde vives, onde trabalhas, com quem namoras, o teu aspeto... A mãe e o pai podem não ter sido os pais perfeitos, mas são os nossos, e isso é tudo o que temos de saber.

Rosalind inspirou fundo.

— Percebo como te sentes. Mas...

— Mas, ainda assim, vais atrás disto.

Assentiu lentamente com a cabeça, observando o maxilar da irmã a cerrar-se, a expressão a esvaziar-se, o método que Olivia usava para esconder as emoções desagradáveis.

— Quero saber a verdade. E no final, se se revelar que a mãe não nos poderia ter dado à luz, pelo menos quero saber quem me teve.

Olivia virou-se para o lava-loiça, passou a sua chávena por água, colocou-a na máquina de lavar a loiça e ficou de ombros curvados e inclinada contra a bancada durante um longo momento. Depois, virou-se novamente para Rosalind, cruzando os braços.

— Está bem. Não há nada que eu possa fazer quanto a isso, a decisão é tua. Mantém-me apenas à margem disso tudo, está bem? A minha vida já está suficientemente complicada.

— Está bem. — Rosalind escondeu o seu alívio. — Obrigada. Sei que foi difícil para ti e quero que saibas que eu...

— Pois, está bem, como queiras. — Olivia sorriu-lhe forçadamente, pegou no telemóvel, que se encontrava em cima da bancada, e tocou-lhe com um dedo, ligando-o. — Argh. São quase cinco. Tenho de ir.

Rosalind permanecia de pé, sentindo-se ainda enjoada com toda a tensão, mas grata por Olivia não a ter atacado com um cutelo — no sentido figurado. A conversa com Eve seria mais fácil.

— Precisas de ajuda para levar alguma coisa para o carro?

— Pode ser, obrigada.

Seguiu a irmã até à sala e depois até ao *hall* de entrada, onde a enorme mala de Olivia e uma mala suplementar mais pequena aguardavam junto à porta. Pegou na mala e cambaleou até ao exterior, percorrendo o caminho ladeado de conchas até à estrada de acesso, perguntando-se por que razão ela e Eve tratavam sempre Olivia como se esta fosse frágil, quando gastava enormes somas e em dinheiro num *personal trainer*, sendo, provavelmente, capaz de dar uma tarefa às duas.

— Podes abrir o porta-bagagens?

— Espera. Vou pô-la no banco de trás. — Olivia pegou na mala como se esta pesasse quatro ou cinco quilos e colocou-a no banco de trás, juntamente com a sua outra mala. — Obrigada por me ajudares.

— Ora essa. — Rosalind abriu os braços para a irmã. — Faz uma boa viagem, Olivia. Espero que o pinanço corra bem este mês.

— Céus, eu também. — Olivia abraçou-a, de forma prolongada e apertada. Como de costume, libertava um cheiro fresco e subtilmente caro. — Quero tanto esta pessoa pequena.

— Vai acontecer. Eu sei que sim.

Olivia libertou-a, fungando algumas vezes. Pestanejou.

— Eu sei que sou mimada, sei que fui incrivelmente abençoada, sei que a vida tem sido mais fácil para mim do que para muitos outros. Tento com muito afincio não tomar nada como certo. Mas continua a ser impossível para mim acreditar que esta criança poderá não chegar.

A voz dela tremeu. Tentou sorrir corajosamente, mas não conseguiu, deixando Rosalind de coração apertado.

— Continua a acreditar, continua a visualizar o bebé. Continua a incentivar esses espermatozoides. — Rosalind sorriu animadamente, estalando em seguida os dedos. — Já sei! Devias comprar uns pompons ao Derek e ensinar-lhe uma coreografia.

— O quê?

— Ele podia dançá-la enquanto tu fazes aquela coisa do inseto morto. — Rosalind fez uma pose e abanou uns pompons imaginários. — Vão, espermatozoides, *vãõ*, ponham-se a caminho, encontrem esse óvulo e fundam-se, A-D-N.

Olivia começou a rir-se.

— Tens razão. Tu és maluca.

— Eu disse-te.

— Cuida de ti, Rozzy. — Olivia abraçou-a novamente e passou-lhe a mão pela cabeça. — Eu preocupo-me contigo e com este novo projeto. Não quero que te magoes.

— Nã. Eu não me vou magoar. Sou dura.

— Ahã. — Entrou no carro. — E deixa crescer o cabelo.

— Adeus, Olivia.

— Com a cor verdadeira.

— *Adeus*, Olivia!

— Eu envio-te algumas roupas. Vestes o tamanho M? Ou o L? Vais ficar espantada com a diferença que faz em relação ao modo como as pessoas te tratam.

— *Adeusinho*, Olivia!

Olivia riu-se e ligou o carro.

— Está bem, está bem. Estou a ir. Dá um beijinho meu à Eve!

— Olivia arrancou, percorrendo o acesso, arremessando gravilha à passagem dos pneus, e buzinou duas vezes ao virar para a estrada principal, acelerando em seguida.

Rosalind estremeceu, perguntando-se quantas pessoas aquela buzina teria acordado. Os vizinhos mais próximos estavam a vários campos de futebol de distância, para lá dos bosques, mas o som viajava insanamente ali em cima, naquele espantoso silêncio.

De volta ao interior, lavou a máquina do café e preparou mais um pouco, desta feita, próprio para consumo humano. Desde a morte da mãe, Rosalind passara a ser a única dorminhoca da casa. Eve levantar-se-ia daí a pouco tempo, mesmo que a buzina não a tivesse acordado. Um bom pequeno-almoço antes da longa viagem de carro até Boston, onde trabalhava para uma empresa de arquitetura que fazia projetos para hotéis, iria fazer-lhe bem. Talvez a deixasse num estado de espírito que lhe permitisse aceitar os planos de Rosalind.

Uma rápida olhadela aos armários permitiu-lhe encontrar uma embalagem por abrir de uma mistura para panquecas integrais *Bob's Red Mill*, que parecia aceitável. Seguiu as instruções ao bater

a massa e encontrou, num armário, uma frigideira para panquecas que devia ter vindo com o fogão chique de Lauren, porque era mesmo à medida do quinto bico oval. Enquanto pré-aquecia, procurou outra frigideira e partiu quatro ovos para dentro de uma nova tigela, adicionando em seguida um toque de leite e uma pitada de sal, para fazer ovos mexidos quando a irmã descesse as escadas.

A massa das panquecas produziu um silvo satisfatório ao cair na frigideira. Enquanto a primeira fornada cozinhava, bem como a seguinte, Rosalind fatiou um pêssego fragrante num prato e adicionou amoras silvestres do Maine, cuja dimensão reduzida e sabor intenso arruinavam o gosto de qualquer outra variedade. À medida que cada fornada de panquecas ia ficando pronta, colocava-a numa bandeja de metal mantida quente no forno a baixa temperatura.

A última dose de massa tinha sido acabada de deitar na frigideira, quando ouviu os passos de Eve no piso de cima. Na altura em que a irmã apareceu, despenteada e ensonada, com uma t-shirt maltrapilha cinzenta e calças de fato de treino azul-escuras, Rosalind já tinha os ovos mexidos ao lume.

— Hum, isso parece ser bom. E há fruta! Obrigada. — Eve bocejou e coçou a anca. — Fizeste torradas?

— Não. Uma coisa melhor. — Rosalind abriu a porta do forno. — *Les cakes du pan.*

— Oh! És uma deusa, obrigada. — Eve serviu-se de uma caneca de café. — A Olivia saiu bem esta manhã?

— Sim. Até saiu mais ou menos a horas.

— Que bom. — Sentou-se na ilha da cozinha, segurando a caneca com as duas mãos. — Espero que o trânsito para Bangor não seja muito mau.

— Também eu. — Rosalind deitou xarope de ácer do Maine para uma pequena molheira e colocou-a no micro-ondas a aquecer. — Tu e o Mike têm algum plano engraçado para a semana que vem?

— Não. — Eve cortou um grande pedaço de manteiga e barrou a sua pilha de panquecas. Se Rosalind ingerisse assim tanta manteiga, teria mais dois ou três quilos quando desse a última garfada.

Eve, provavelmente, perderia peso só com o esforço de barrar a manteiga. — Não temos quaisquer planos.

— Bem, isso parece ser emocionante.

— Pois, não é.

Rosalind virou-se para olhar para a irmã. Não gostava daquele tom de voz aborrecido.

— Porque não pensas em alguma coisa? Experimentarem um restaurante novo ou algo assim?

— O Mike não deve querer. — Ela deitou o xarope, que formou uma poça e deslizou pelos limites da pilha.

— Porque não? — Rosalind puxou uma cadeira e sentou-se à sua frente. Mike era um tipo simpático quanto bastasse, mas não era exatamente uma grande emoção a toda a hora. — O que se passa?

— Ele já quase não quer sair. Nem fazer grande coisa. — Eve espetou o garfo num pedaço que pingava xarope. — É duro quando ele não está a trabalhar, durante o verão.

Aquilo não soava nada bem.

— Ele está deprimido? Cansado de dar aulas?

— Talvez as duas coisas.

Rosalind franziu o sobrolho e comeu os ovos, tentando descobrir como poderia ajudar.

— E *tu*, estás deprimida?

— Talvez.

— Eve. — Rosalind pousou o garfo, horrorizada por não ter dado por nada de invulgar no comportamento da irmã. — Não disseste nada.

— Não me pareceu necessário. A família já está a passar por muito, para não dizer pior.

— O que vais fazer? Terapia? Medicação?

— Não sei. Só agora é que me estou a aperceber das coisas. A depressão é um pequeno demónio malandro, sabes? Primeiro, disse a mim mesma que estamos juntos há três anos, que a paixão não dura sempre e tudo isso. Depois disse a mim mesma que estava a sentir contentamento, não aborrecimento. Paz, não estagnação.

Um milhão de outras razões para a letargia. E trabalho é trabalho. Pensei que já teria sido promovida por esta altura. Faço 30 anos no próximo ano e ainda estou a fazer projetos de casas de banho e poços de elevador. São necessários e importantes, mas...

— Precisas de uma grande mudança.

Eve revirou os olhos.

— Tu pensas sempre assim.

— Estou a falar a sério. Emprego novo, namorado novo, cidade nova, alguma coisa nova.

— Essa é a tua solução para tudo: «Não estás feliz? Foge!»

— Não é fugir. É impedires-te de ficares presa a um sítio que seja mau para ti, ou que não seja adequado. E, já agora, eu percebo que tu e a Olivia não aprovam o modo como eu vivo a minha vida. Podem parar de o realçar.

Eve ergueu os olhos do prato.

— Desculpa.

Rosalind teve de desviar o olhar. Confrontar alguém fazia-a sentir-se sempre pior do que calar e engolir, como costumava fazer. Tinha conseguido uma pequena vitória e agora era *ela* que queria pedir desculpa.

— Eu sei que estás a tentar ajudar. Pensa apenas naquilo que eu disse. Talvez um abanão ajudasse. Toma um novo rumo, arranja um cão para fazer companhia ao *Marx*, pinta o teu apartamento de roxo. Qualquer coisa nova.

— Talvez tenhas razão.

— Claro que tenho razão! — Rosalind sorriu e comeu mais uma panqueca, olhando furtivamente para a irmã, à espera daquele que seria o momento certo. — Então... estou a pensar em investigar esta coisa da mãe.

— Tinha a sensação de que o farias.

— Quero ter a certeza de que ela tinha esta síndrome e, se a tinha, quero saber como fomos adotadas e, pelo menos no meu caso, de quem.

— Muito bem. — Eve pousou o garfo e pegou na sua caneca de café. — Porquê?

— Se eu não vim da mãe e do pai, de onde vim eu? Serei mais parecida com essas outras pessoas? Saberão que eu existo? Alguma vez me procuraram?

— Porquê só tu? Podem ser os pais de nós as três.

— Não. — Rosalind abanou a cabeça. — Não creio que sejam.

— Está bem. — Eve deu um gole no café. — Estou a ouvir-te.

— Olha para nós. Somos fisicamente diferentes, temos temperamentos diferentes, somos diferentes no modo como aprendemos e processamos as coisas.

— Isso não prova nada, mas é verdade.

— Eu quero provas. — Rosalind deu mais uma garfada nos seus ovos. — Não estás curiosa?

— Estive acordada durante grande parte da noite a pensar nisso. Presumo que estivemos todas.

— A Olivia não o admitiria.

— Não, ainda não. Dá-lhe tempo. — Eve pousou o café e cruzou os braços sobre a mesa. — Eu percebo por que razão queres saber, Rosalind. Mas receio que possas magoar-te.

— *Et tu*, Eve? — Apontou para o seu próprio corpo robusto. — Parece ser feita de felpa e palitos?

— Não irás encontrar os Hearts. A nossa família era uma confusão, mas também...

— Estás a *brincar* comigo? — Rosalind pousou o garfo antes que o espetasse na mão da irmã. — A família Heart é um *brinquedo*. É imaginária. Julgas que não sei isso?

Eve encolheu os ombros.

— Estava só a testar uma teoria.

— Não procuro a família Heart. Não suportaria toda aquela vulgaridade. Toda aquela previsibilidade. — Rosalind estremeceu de modo cómico. — Todo aquele plástico rosa, branco e azul.

— Muito bem. Então, qual é o primeiro passo? — Eve alcançou a cafeteira e serviu-se de mais uma caneca de café. — Vais falar com a Lauren?

— Não sei por onde mais começar. Não posso perguntar ao pai. Se ele ficar perturbado, isso poderá matá-lo.

— *Podias* esperar até ele ficar melhor.

— Hum... — Rosalind olhou à sua volta, para a cozinha, asso-
biando, batendo com os dedos na bancada de granito.

Eve deu uma gargalhada.

— Não queres esperar.

— Claro que não. Tenho de o saber *agora*.

— Eis a minha irmã calma e paciente.

Rosalind deu mais uma garfada nos ovos, depois ergueu repen-
tinamente a cabeça, lançando a Eve um olhar fixo.

— Olha, sabes que mais?

— Oh. — Eve semicerrou os olhos. — Esse olhar assusta-me.

— Procurar pela tua família biológica pode ser exatamente
aquilo que precisas de fazer também.

— Ou exatamente aquilo que *não* preciso de fazer. Posso vir de
uma família de assassinos clinicamente deprimidos.

— Pelo menos seriam assassinos clinicamente deprimidos
altos e bonitos. Eu, provavelmente, venho de uma longa linhagem
de *trolls*.

— A sério, Rosalind. A nossa família podia ter sido muito pior.

— É verdade. Quer dizer, acho que podia. — Rosalind levou o
prato para o lava-loiça, regressando em seguida. — Espera, a sério?

— Ah! — Eve levantou-se e esticou o seu magro corpo, sor-
rindo. — Tenho de ir andando. Obrigada pelo pequeno-almoço.

— Não tens de quê. Deixa a loiça. Lavaste a maior parte ontem
à noite.

— Tens a certeza? Obrigada também por isso. Quando é que
vais falar com a Lauren? — Levantou de imediato a sua mão. — Não,
não digas. Assim que eu me for embora.

— Basicamente.

Eve abanou a cabeça, ainda a sorrir.

— Não lhe provoques também um AVC.

— Nada a poderia matar. É a pessoa mais equilibrada que
alguma vez conheci.

— Mas isto é muito importante. Tem cuidado. Contigo, quero
eu dizer. — Eve abraçou Rosalind e pegou no seu café.

— Prometo.

— Desço em breve.

Eve subiu as escadas e Rosalind deitou mãos à obra, limpando a cozinha. Adorava as irmãs, mas, por vezes, sentia-se como se tivesse tido quatro progenitores na sua vida. Cinco, se incluísse Lauren. Agora queria adicionar mais dois?

Quando Eve voltou a aparecer, com a sua pequena mala, Rosalind acompanhou-a até ao seu elegante *Mercedes* verde-floresta, o carro que Eve tinha comprado quando fora para a universidade. Tinha dez anos mas ainda parecia praticamente novo, o que Eve atribuía ao facto de se recusar a usá-lo em Boston, lar de condutores famosos pela sua insanidade.

— Boa viagem. — Rosalind abraçou fortemente Eve.

— Obrigada. — Eve entrou no carro e abriu a janela. — Vou tentar regressar dentro de algumas semanas para te dar uma ajudinha. Boa sorte com a tua investigação. Telefona se encontrares alguma coisa que te assuste. Ou só para me dizeres o que se está a passar.

— Assim farei, obrigada. — Rosalind ainda não se tinha apercebido do quão tensa se sentia por enfrentar aquele assunto sozinha até a oferta de Eve lhe ter trazido gratidão e alívio.

— Adeus! — Eve recuou lentamente pelo acesso e fez um aceno demorado à irmã antes de partir, quase em silêncio, através dos bosques.

Rosalind pôs os braços à volta do corpo, permanecendo de pé, a olhar na direção do automóvel mesmo muito depois de este estar fora do alcance da sua visão. Fora inteligente da sua parte falar pessoalmente com as irmãs, e ainda mais inteligente fazê-lo individualmente, para que elas não se conseguissem unir contra ela e contra si mesmas. Conseguira a autorização que procurava. Agora, restava-lhe a tarefa monumental de descobrir se os pais tinham mentido e, se assim fosse, de elaborar uma imagem completamente nova da sua família e das suas origens.

Bem, aquilo não parecia ser muito difícil.

Deu uma breve gargalhada, depois deu meia-volta, com relutância, e regressou à casa demasiado silenciosa.

TODAS AS FAMÍLIAS TÊM SEGREDOS, MAS ALGUNS SÃO TÃO SOMBRIOS QUE PODEM ALTERAR TUDO O QUE SE JULGAVA SABER.

As três filhas de Jillian Croft, uma aclamada mas instável estrela de Hollywood, sempre tiveram uma vida privilegiada, mesmo depois da morte da mãe. Como tal, nada as tinha preparado para uma descoberta inimaginável: um registo médico que demonstra que Jillian nunca poderia ter tido filhos biológicos. Então, como é que as três gravidezes de Jillian estavam tão bem documentadas com fotos e relatos do nascimento de cada uma das filhas?

Olivia e Eve não querem acreditar na reviravolta que a sua vida parece estar a dar e insistem na existência de algum erro, mas Rosalind, a impulsiva irmã do meio, é incapaz de esquecer o assunto. A verdade é que sempre se sentiu diferente das suas irmãs confiantes e bem-sucedidas.

A busca pela mãe biológica leva-a até Leila Allerton, uma cantora de ópera com uma família encantadora e muito unida que cedo desperta nela um sentimento de pertença. Só que Rosalind não é a única com um segredo escondido, e não tardará a ver-se confrontada com a difícil decisão de contar toda a verdade.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-389-9



9 789895 643899

Literatura Traduzida